

Nas trilhas do progresso e da civilização: a revista Letras do Sertão e suas formas de imprimir uma Sousa civilizada e progressista nos anos de 1951-69.

Rafaela Pereira Dário¹

Resumo

O presente trabalho se presta a discutir o projeto de cidade que a Revista Letras do Sertão, um magazine de circulação trimestral idealizado na década de 50 em Sousa PB, elaborou para a cidade de Sousa tendo em vista a utopia de cidade civilizada e progressista que permeava os ideais da elite letrada que compunha aquele impresso. No âmbito da nova História Cultural francesa o urbano é dado a ler de maneiras diversas, cabendo assim ao historiador ou a quem de interesse, tentar apreender os discursos, as imagens ou até mesmo as práticas sociais de representação da cidade enquanto objeto. Dessa forma, elegemos Letras do Sertão para dar a ver a cidade de Sousa da época de sua circulação nos anos de 1951 a 1969, que pelo que parece necessitava reconstruir sua modernidade, tendo em vista que cada época possui um imaginário próprio que vai tratando de conferir significado ao mundo. Esse trabalho é parte da proposta de nossa dissertação de mestrado que está em andamento no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. Levando em consideração os anos JK e as ideais desenvolvimentistas que mesmo de forma gradual foi chegando ao nordeste do país, consideramos que os ideais modernos de então estavam ligados ao industrialismo e suas conseqüências, portanto, era necessário que as cidades possuíssem pelo menos alguns aparatos que atraíssem a atividade industrial, como era o caso de um sistema de energia elétrica á altura. Não queremos dizer com isso que o imaginário moderno da década de 50 já não considerava a incorporação de símbolos modernos como o trem de ferro, o telefone e o telegrafo como aquilo que ditava o ritmo da urbe com a modernidade, isso agora se aplicava ao novo imaginário moderno que tinha a industrialização como símbolo maior do progresso e da vida civilizada. Logo, Letras do Sertão pode ser compreendida como representante de uma modernidade cultural que se empreendia na cidade de Sousa, tendo em vista inclusive o peso da imprensa no imaginário social no que se refere a modernidade, bem como um espaço /tribuna que representava as necessidades de uma elite letrada em um dado momento, cuja bandeira maior era o enquadramento de Sousa nas trilhas da civilização e do progresso .

Palavras chave- Letras do Sertão, civilização- progresso, Sousa

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba.

Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia a dia correspondem outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação ao longo dos séculos (PESAVENTO, 2007, p.11).

O ano é 1951, o alto sertão paraibano ganhava um novo veículo de comunicação que se destinava dentre outras coisas a divulgar a “inteligência do povo sertanejo”. Estamos nos referindo à revista *Letras do Sertão*, nascida e idealizada na cidade de Sousa PB no ano acima anunciado.

Quando dizemos que a revista se colocava a serviço dos sertanejos para divulgar sua inteligência, aludimos que aquele veículo era antes de tudo um instrumento literário. Mas, para além das rimas poéticas que moviam as edições da revista existia também aquilo que podemos chamar de tribuna, onde idéias e ideais, críticas, sugestões e elogios contribuía para a formação de um imaginário social sobre Sousa, seu passado, presente e futuro.

Esse trabalho se relaciona com nosso texto dissertativo onde, no primeiro capítulo procuraremos da a ver á Sousa que *Letras do Sertão* imaginou e construiu em suas páginas em um momento onde as idéias de modernização e desenvolvimentismo estavam em alta na região Nordeste². Entender a cidade imaginária impressa nas páginas daquele magazine é também mergulhar nos rios de uma cidade real que existia naquele momento e que, em muitos casos, no pensamento dos jovens editores de *Letras do Sertão* precisava aderir a algumas posturas para tornar-se uma urbe em sintonia com a modernidade.

A modernidade enquanto movimento representa uma ruptura com aquilo que obscurece a razão. Essa idéia de romper, de quebrar grilhões com o antigo atinge a vida social, material, passando pelas artes e pela espiritualidade. Novas formas de conceber o tempo e o mundo foram anunciadas e a velocidade do motor da modernidade era latente, prometendo atropelar tudo quanto não seguisse seu ritmo.

² De acordo com o professor Damiano de Lima em sua tese de doutoramento, a região nordeste passou a reivindicar seu lugar ao sol no rol desenvolvimentista e industrial que pairava no país durante o governo do presidente Juscelino. As cidades da região trataram de pelo menos, com o incentivo do governo estadual, implementar medidas desenvolvimentistas que melhorassem a aparência das cidades a preparando para o futuro.

As revoluções técnico-científicas intensificaram um fluxo de mudanças que se desencadeavam. Entrava em cena o capitalismo como sistema forte e bem equipado, encontrando no palco das cidades um lócus ideal para seus desdobramentos. Tudo isso atingia não apenas o lado material da vida criando valores e necessidades, mas, também o lado político, econômico e social.

Apesar de veloz o ritmo da modernidade não chega do mesmo jeito e com a mesma intensidade em todo o mundo. A entrada triunfal do Brasil na modernidade se dá nos fins do século XIX, tendo que conviver com muito dos seus contrários, como é o caso da escravidão. Mas, essa convivência (in) conveniente estava com os dias contados, a escravidão ruiu, a hora e a vez do capitalismo a destituiu, pouco depois caiu o Império, nasceu a República, um parto difícil e indesejado para muitos e que inaugura no país certa efervescência progressista que mudou sua cara, tentando maquiagem muito de sua história.

A atmosfera da “regeneração” era o correspondente brasileiro desse surto amplo de entusiasmo capitalista e da sensação entre as elites de que o país havia se posto em harmonia com as forças inexoráveis da civilização e do progresso (SEVCENKO, 1998, p.31).

É exatamente nesse binômio, civilização e progresso que iremos lançar nossas lentes. Ser moderno no Brasil republicano representava ser civilizado e progressista. Os hábitos de higiene, as formas de se vestir, de se portar, dentre outras práticas sociais se cruzavam com o ideário de um ambiente próspero, onde conquistas materiais simbolizavam o moderno que, em sua grande maioria eram novidades vindas de fora que iam tecendo a conexão do espaço com novos tempos.

No início do século XX a cidade do Rio de Janeiro era o modelo de centro moderno. Reformas e embelezamentos urbanos, práticas higienistas e novas sociabilidades passaram a fazer parte do discurso e da ação dos agentes do progresso. “*Capital do século XIX brasileira*” foi o título dado aquele núcleo urbano que procurava cada vez mais se equiparar a Paris.

É claro que não tem como compararmos a experiência modernizante do Rio com a grande metrópole européia, como dissemos, a modernidade é veloz, mas, não linear. Cada lugar tem seu tempo próprio, o ritmo frenético, a vida agitada, características caras

a vida moderna eram elementos visíveis – em certos níveis- mais os hábitos e as novidades vindas de fora pareciam sintonizar melhor o espaço com a modernidade.

Nos “*frenéticos anos 20*” São Paulo entra na dança e também quer carregar nas costas a ordem e o progresso. A atividade industrial que nasceu tarde, mas já nasceu rica³ é o elemento chave e que conectou aquela urbe nas redes da civilização e do progresso. Logo a cidade se tornou a “paulicéia desvairada”, ali, por causa da industrialização o ritmo de vida era mais acelerado que o do Rio de Janeiro.

Ate aqui falamos de uma forma de conceber e de receber a modernidade nos grandes centros. Por muito tempo a historiografia brasileira, ao se tratar de modernidade tomava apenas o exemplo das duas metrópoles. Desde os anos 80 do século passado que pequenos centros urbanos se dão a ver nos textos, comprovando que o tempo dos lugares não pulsa no mesmo fuso.

É comum nos depararmos com trabalhos que abordam sobre várias vertentes das cidades brasileiras. A emergência da Nova Historia Cultural permitiu que o urbano se tornasse autor e personagem de envolventes casos e casos

A cidade é objeto de inúmeros discursos, ela é musica, é poesia, é crônica, é verso, é prosa, é noticia , é imagem, é som, é voz. A História tem absorvido muito bem essas novas maneiras de trabalhar a cidade, tudo isso são novas linguagens que emergiram com a crise dos paradigmas das ciências sociais no pós 45, onde os domínios de Clio foram profundamente reestruturados.

Assim, no desdobramento das abordagens que fazem sobre o fenômeno urbano no final do século XX e no início do novo século, não se estudam apenas processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, ou seja, com o imaginário criado sobre ela. Em outras palavras, os estudos de uma história cultural urbana se aplicam no resgate dos discursos, imagens e praticas sociais de representação da cidade. E o imaginário urbano, como todo o imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações construídas sobre a realidade – no caso a cidade (PESAVENTO, 2007, p. 15).

No caso do nosso trabalho dissertativo abordaremos como já foi dito os discursos da Revista *Letras do Sertão* sobre Sousa. Com relação à modernidade, referimo-nos a ela por acreditarmos que esta representa um agente transformador do meio urbano. Na maioria dos casos onde a cidade vira texto o fenômeno da

³A indústria em São Paulo nasce rica devido o capital proveniente do café

modernização aparece quer seja como algo pretendido, vivenciado, diabólico que faz emergir nostalgias de uma cidade já morta.

Como bem colocou Certeau” a cidade é a maquinaria e o herói da modernidade”(2008,P. 76). Assim sendo, é impossível pensar a cidade sem pensar na modernidade, não apenas a presença, mais a ausência dela chamou atenção de muitos estudiosos da cidade que em cada época concebe e vê a modernidade de variadas formas.

Quando da circulação de nossa fonte principal, dos anos 50-1969, civilização e progresso representavam a modernidade. Nesse sentido Lapa2008 coloca que:

E o que é preciso para que a cidade responda a essa demanda? Impõe-se mudar a relação do homem com a natureza, com a cidade e com os outros homens, questionando a tradição que se apresenta com costumes e hábitos, que não mais correspondem ao que é tido como urbano e civilizado, compatível, produtor e produto do progresso, sinônimo de desenvolvimento, que só se atinge transformando a vida social, para melhorá-la. É claro que esse marco não se define semanticamente pela palavra modernidade, como ainda vamos insistir. O significante é outro, mas o significado guarda aproximações e identidade com o que passamos reconhecer como moderno na época.(LAPA, 2008, P. 18).

Como nossa operação historiográfica esta em ação, temos percebido que os anseios da revista eram no sentido de atribuir à Sousa significantes modernos. Naquele momento a cidade se direcionava na realização de muitas conquistas materiais que tenderam a transformar sua paisagem urbana e seu ritmo social e, na medida em que tais conquistas eram empreendidas houve os devidos reconhecimentos por parte do magazine.

Não pretendemos analisar a revista *Letras do Sertão* apenas enquanto um espaço onde imagens e imaginários sobre Sousa eram construídos. Nesse artigo o espaço nos permite apenas representar as visões da mesma sobre Sousa e sua sintonia com a civilização e o progresso. É nossa intenção situar o magazine enquanto elemento da modernidade, levando em conta as impressões acerca dele divulgados em outros veículos da imprensa paraibana e potiguar, que viam na revista sinais de uma modernidade cultural que simbolizava o espírito inovador e as visões de mundo de seus idealizadores, logo, colocavam Sousa como sendo uma cidade “prospera e progressista”.

A partir dessas considerações pretendemos também investigar as idéias de modernidade desenvolvidas pela revista, tendo em mente que os editores daquele

impresso dispunham de quase um século de experiências acerca dos rumos modernizantes que deveriam tomar, ou que já tomaram, as cidades brasileiras para garantirem seus foros de cidades em sintonia com a modernidade (SOUSA,2007).

E aqui cabe-nos trazer à tona as observações do professor Gervacio Batista Aranha, acerca do imaginário moderno na Parahyba do norte que, tendeu a sentir a conexão da urbe com a modernidade a partir da presença de alguns símbolos modernos como o trem de ferro, o telefone, a luz elétrica. Dessa maneira, a experiência modernizadora nortista incorpora esse imaginário moderno, sendo algumas conquistas materiais o termômetro para reconhecer a sintonia das cidades com a modernidade.

Assim, na impossibilidade de pensar a experiência urbana nortista, em seu vínculo com a idéia de vida moderna, a partir dos chamados ritmos sociais, resta a alternativa de pensá-la com base no impacto provocado por certas conquistas materiais que passaram ao imaginário urbano como símbolos do moderno (ARANHA: 2005, p.79).

Consideramos que a modernidade tem muitas facetas e uma delas é a mudança de mentalidade que tende a atingir o homem que pretende se (re) vestir de moderno. Como o Brasil possui uma essência tradicionalista e patriarcal, presente em seu âmago devido seus fortes traços de religiosidade, esse lado da vida moderna muitas vezes é apenas uma penumbra diante do brilho de outras facetas da vida moderna como é o caso do progresso material e seus impactos para e na vida social.

Em alguns momentos, notamos que as idéias de modernidade do magazine se aplicam perfeitamente as observações de Aranha, principalmente quando do início da circulação da revista. Inferimos que Letras do Sertão passou a representar um caminho pavimentado que ligaria Sousa à modernidade pretendida naqueles anos⁴. A revista pode ser considerada representante de uma modernidade cultural em ascensão, logo, ela passou a reivindicar que o progresso material da cidade se equiparasse a tal progresso espiritual, elaborando um “projeto de cidade” que objetivava encaminhar a urbe nos trilhos do progresso e da civilização.

⁴ Atentamos para o fato de Letras do Sertão representar um caminho pavimentado para o progresso material de Sousa naquele momento primeiro pelo forte papel que a imprensa desempenhava desde os fins do século XIX enquanto ‘AGENTE CIVILIZATORIO”, depois, ancorados em alguns artigos contidos na própria revista que reconhecem no magazine um elemento cultural fortíssimo que, pelo fato de ter sido idealizado na cidade de Sousa representava as relações daquele núcleo urbano com a civilização, portanto, a modernidade cultural ou espiritual que já despontava na urbe deveria andar paripasso com certa modernidade material para que a cidade promovesse um desenvolvimento pleno.

É claro que Sousa não assistiu de forma passiva as inúmeras transformações sofridas pelas cidades brasileiras e paraibanas nos anos 20, alguns símbolos modernos já faziam parte de seu cotidiano, o que na certa despertou certos imaginários sobre sua ligação com o progresso. Mas, nos anos em que *Letras do Sertão* circulou, as necessidades eram outras, e cada época trata de inventar suas necessidades, como a modernidade é dinâmica, era preciso renovar uma série de coisas na estrutura material da cidade de Sousa para que ela pudesse trilhar nos caminhos da modernidade pensada para aquela época.

De acordo com MARIANO 1999, “a “cidade, a grande moradia dos homens”, é um espaço de diferenças, onde a modernidade se constrói, se reconstrói e entra em ruínas”. Tudo aquilo que fora empreendido na urbe nos primeiros anos do século parecia não atender ao imaginário moderno dos homens dos anos 50, daí as reivindicações da revista analisada que é por nós considerada como formuladora de um projeto de cidade, sendo por isso responsável por criarem uma cidade do pensamento a partir da utopia do progresso e da civilização.

Ao longo dos anos 50 e até mesmo dos 60, a partir do momento que certas necessidades materiais chegam a Sousa em um ritmo cada vez maior, *Letras do Sertão* encara a tarefa de defensora de certo progresso de espírito, denunciando em alguns de seus artigos que Sousa andava longe de alcançar por pensar demais no progresso material.

Entendemos também que a revista contribuiu para a formação de um imaginário sobre Sousa em outras regiões do estado. Até mesmo no início da circulação do magazine, onde o progresso existente na cidade parecia insatisfatório, já era possível ouvir falar em uma Sousa “futurosa e progressista”, eis nossa questão: seria a revista *Letras do sertão* o prenúncio de novos tempos de progresso para a cidade sorriso do sertão? Entendemos que a problematização é inerente ao trabalho do historiador, essa inquietação deverá nos ser respondida no texto dissertativo que estamos escrevendo.

Como dissemos, nossa intenção nesse trabalho é esboçar um pouco do projeto de cidade que a revista *Letras do Sertão* elaborou para Sousa naquele momento.

Sousa nas/das páginas de Letras do Sertão

Antes de tudo é necessário dizermos que todas as imagens e impressões contidas na revista, muitas delas em torno dos rumos modernizantes que deveriam tomar a cidade de Sousa representa o ponto de vista daquela elite letrada, não cruzando muitas vezes com as impressões e imagens de outros segmentos da população.

Dessa forma, “*não há como negar que as percepções que letrados e intelectuais tinham sobre a cidade e seus moradores eram caudatárias de novas formas de conceber e perceber o mundo*”. (SOUSA, 2005, p.136).

Desde o início do século XX que o processo de urbanização da cidade de Sousa tomava pulso. O trem de ferro chegou na cidade na década de 20, a iluminação noturna foi por muito tempo a base de querosene e depois através de um gerador com hora marcada para ser desativado. O abastecimento de água era precário, pavimentação nos bairros não existia e nem mesmo a área central portava melhor aparência.

Tudo isso no tocante a iniciativa do poder público, outras conquistas advindas da iniciativa privada existiam, ainda que de forma incipiente, como é o caso do cinema. Observamos que com a queda do estado getulista e a volta do cargo de prefeito novas políticas desenvolvimentistas foram sendo empreendidas principalmente quando as idéias de desenvolvimento via industrial tomou força, como foi o caso da renovação do sistema de eletricidade da cidade, a pavimentação de ruas e diversas construções que tenderam a mudar a arquitetura do município.

Essas medidas não chegaram de uma só vez, mas, quando elas aconteciam já incitava na população, talvez devido o discurso dos agentes públicos, um imaginário moderno que superou as idéias de moderno do início do século. Em muitas edições da revista *Letras do Sertão*, constatamos alguns apelos direcionados a um cuidado especial por parte da administração municipal para com a cidade, na intenção de norteá-la nos rumos da modernidade – representada pelo binômio civilização / progresso.

Sousa, cidade de bom gênio, de boa água e de gente melhor ainda nesse setor, tem pegado uma turma de prefeitos quando não realizadora, é de mal gosto desprovida de vaidade com a cidade... As praças e avenidas vivem sem nenhum trato, ou friso de vaidade, parecendo mais enteados da senhora prefeitura. Fala-se, no entanto, que vamos ter luz elétrica noturna e diurna na cidade, pois a luz existente está a desejar. A cidade cresce a cada dia, por essa razão, o conjunto elétrico trazido a cidade pelo então prefeito cel. Emilio Sarmiento de Sá, já desserve. (LETRAS DO SERTÃO- 1953, 8 ed).

Como percebemos, além de denunciar a falta do progresso material que pelo visto não ia de encontro às necessidades daquela época, atribuiu-se também ao poder público uma forte tarefa de ser, senão o principal agente modernizador, pelo menos um dos mais importantes. Na décima edição da revista, outra vez ela se transforma em tribuna e imprime em sua primeira página alguns dissabores com relação ao progresso da cidade. “*tudo que é necessário á vida vai buscar lá fora. Poucas iniciativas industriais, nenhuma melhoria em sua arquitetura, nenhum impulso da inteligência para organizar escolas secundarias*” (LETRAS DO SERTÃO. 1954 P.01).

Diante disso vamos percebendo que a “*futurosa*” cidade, adjetivo com que era saudada a urbe sousense pela imprensa estadual que tinha a revista *Letras do Sertão* como elemento civilizador, portanto marca da civilidade da cidade estaria, para os que faziam aquele órgão literário, um pouco aquém do imaginário moderno que se pretendia para ela.

É claro que nem só de criticas viveu *Letras do Sertão*. Sempre que uma conquista se empreendia na cidade, se esta cooperasse para com o desenvolvimento civilizatório e progressista da mesma, era saudada pelo magazine, como exemplo, podemos citar a inauguração da luz publica em 29 de setembro de 1959.

O dia 29 de setembro do corrente ano ficará lembrado na alma sousense como uma data marcante e triunfal na vida de seus habitantes. Há muito que a população vinha carecida de uma iluminação que bastasse a cidade, as suas residências, as suas fabricas enfim os clubes e teatros, tudo que dá vida e alegria ao espírito... Com a luz publica de que dispõe agora a cidade, esta vem de oferecer as maiores possibilidades de progresso e, de certo, a indústria tomará grande impulso. (LETRAS DO SERTÃO. 1959,P.22).

De acordo com o que esta posto acima, acreditava-se que com o grande melhoramento no sistema de eletricidade da cidade, que agora viria direto de Coremas, a atividade industrial tomaria grande impulso o que simbolizaria assim a conexão de Sousa com o desenvolvimentismo e a modernidade, principalmente as industrias de beneficiamento do algodão, atividade que conferiu a Sousa a partir de então a posição de terceira economia do estado da Paraíba.

Como já dissemos, nossa intenção nesse estudo é perceber *Letras do Sertão* enquanto espaço/ tribuna que refletem as expectativas de uma época. Acreditamos que o magazine, a partir das contribuições da elite letrada que o compunha foi defensor de um

projeto de cidade, ou seja, “suas páginas constituíam-se em mensageiras e sensoras do poder desta nova ordem, cuja bandeira era o moderno”(SOUSA,2005, P.167).

Logo, Letras do Sertão se constitui na historiografia atual como um discurso específico que dá a ver a cidade de Sousa de 1951-1969, tendo dela uma visão parcial e não geral, mas, nem por isso descartada da função de uma linguagem historiográfica que, a partir das nossas inquietações do presente aciona o passado e o representa.

Referências Bibliográficas

ARANHA, Gervácio Batista. **Seduções do moderno na Paraíba do norte**. In: A Paraíba no Império e na república -2 ed.João Passoa:Idéia, 2005-p.226

BARROS, José de Assunção. **O campo da história: especialidade e abordagem**. 5 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Cidade e História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo, companhia das letras, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, Petrópolis – 3ª edição, Vozes, 2000.

KOSELECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. PARIS, EHSS,1990.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A cidade: os cantos e os antros: campinas 1850-1900**, São Paulo, SP: editora da USP; Campinas, SP, editora da UNICAMP.

LUCA, Regina Tânia de. **Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos**. IN: PINSK, Carla Bassanezi (org.),fontes históricas. São Paulo : contexto, 2005. PP.. 111-153.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, SP: Edusc, 2002.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. “**Signos em confronto.O arcaico e o moderno na Princesa (PB) dos anos vinte**”. 1999. Dissertação de mestrado, UFPE.

NEEDEL, Jeffrey D. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. Tradução de Celso Nogueira . São Paulo: companhia das letras, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades sensíveis , cidades visíveis, cidades imagináris.** IN: Revista Brasileira de História. São Paulo, Anpuh, vol. 27, n-53,jan-jun;2007.

_____,**O imaginário da cidade: visões literárias do urbano.**Ed. Universidade UFRGS, 1999.

_____**História e história cultural:** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.
SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole.** São Paulo: companhia das letras, 1992.

_____. **Historia da vida privada no Brasil . Da Belle Epoque á era do radio.** Vol.3. são Paulo: Companhia das letras, 19998.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Cristino Pimentel: cidade e civilização em crônicas.** . In: **A Paraíba no Império e na republica** -2 ed.João Passoa:Idéia, 2005-p.226